

Painel 2:

A pesquisa sobre o acervo

Cláudia Barbosa Reis

O TRABALHO QUE VOU APRESENTAR É UM TRABALHO DE PARCERIA, não só de parceria com a Rejane de Almeida Magalhães, pois é imprescindível o trabalho do Setor Ruiano para que o Museu também realize o seu trabalho de pesquisa de estudo do acervo, como um trabalho de parceria que realizo com o museólogo José Manuel de Andrade Pires, que desde os anos 70 se dedicou ao estudo, classificação e catalogação do acervo.

Para falar um pouco sobre este assunto, tenho que explicar como o acervo do Museu Casa de Rui Barbosa se formou. Quando Rui Barbosa morreu, já havia uma idéia de se transformar a casa em museu. Havia sido votada na Constituição Republicana uma proposta de que a Casa de Benjamim Constant se transformasse em museu. Falava-se, então, pela primeira vez, em museu-casa no Brasil. Com a morte de Rui, o Governo Federal adquiriu o imóvel, os livros e documentos, assim como as estantes para guarda dos livros. O restante do material que compunha a residência foi vendido em leilão um ano após a morte do Rui. O imóvel e o acervo adquiridos ficaram aguardando todo o trâmite burocrático para que se formasse o museu.

Em 1929, quando já se estava investindo realmente na criação do museu – o Presidente Washington Luís, um ex-correligionário de Rui, estava pessoalmente empenhado no assunto –, começaram os objetos a retornar à casa, a maioria cedida pela viúva, por outros familiares, por admiradores, por pessoas que os haviam adquirido em leilão. Assim foi se formando o acervo. O museu foi inaugurado e as doações continuaram. A

princípio, a Casa não tinha essa feição, quer dizer, não estava reconstituída, o equipamento que compunha a residência não estava completo. O acervo foi se formando, mas sem estudo algum, pois não havia profissional envolvido nisso. Tenho registro, Rejane pode me corrigir se estiver errada, de que quem pela primeira vez efetuou um trabalho profissional e técnico com o acervo desse museu foi D. Regina Real, nos anos 60. Gosto muito de lembrar D. Regina Real, porque acho que ela foi um marco na museologia. A velha geração sabe quem foi D. Regina, porque ela estruturou não só este museu, como também os Museus Castro Maya, entre outros. Estruturou em termos de catalogação, classificação, divisão por categorias, iniciando um livro de registro. Mas logo ela faleceu e ficou o trabalho inacabado.

Nos anos 70, a Casa se transformou numa fundação e foi realizado um grande concurso para preenchimento dos cargos que a nova fundação estava abrindo. Viemos trabalhar na Fundação, o museólogo José Manuel e eu – juntamente com outros colegas que já se aposentaram – e encontramos um estudo de acervo praticamente só começado, um esboço. Algumas pessoas já tinham mexido, o livro de registro estava interrompido e resolvemos, portanto, partir da estaca zero. O José Manuel, principalmente, sempre à frente desse trabalho, começou a estudar cada objeto, que era alvo de análise, medição, etc. Num primeiro momento era só catalogação e classificação mesmo. Não partimos para pesquisa naquela primeira etapa, porque estávamos envolvidos com uma série de outras coisas, pois a equipe fazia de tudo. A Jurema, hoje chefe do Museu, que entrou também nessa época, é testemunha. O Museu Casa de Rui Barbosa também seguiu aquelas etapas citadas pelo Professor Ulpiano na sua palestra: anos 70, educação. E todos os esforços se voltavam para a educação, sobrando um pouquinho de tempo para cuidar do acervo, sendo que cuidar significa conservar e classificar.

Estou dizendo isso porque, afinal de contas, se o Museu tem apenas cerca de duas mil peças, por que se demorou tanto para estudá-lo? Trinta anos! Mas foi exatamente por isso, porque havia as prioridades, assim como também havia restrições orçamentárias – às vezes não havia dinheiro para qualquer atividade. Isso felizmente acabou para nós, há muito tempo não passamos por isso. Assim, lentamente, foi-se estudando esse acervo,

até que nos anos 80 começamos a sentir necessidade de fazer a pesquisa, de aprofundar o estudo. E por não se dispor de pessoal dedicado o tempo inteiro a isso, criou-se, em 1981, um artifício, um projeto chamado “A Peça do Mês”. Por meio deste projeto, dedicava-se cada mês do ano ao estudo de um objeto do acervo.

Nessa etapa, trabalhávamos na Peça do Mês eu e Verônica Baldarelli, que já não trabalha mais conosco. Lembro que o primeiro objeto estudado foi o automóvel Benz, que é a nossa peça máxima: a Verônica trouxe o marido, um engenheiro-mecânico, que abriu o motor e fez um estudo minucioso do carro.

Começamos a estudar realmente cada objeto, com o objetivo de conhecê-lo como parte da Casa, sem desvinculá-lo desse contexto, para que estivéssemos aptos a fornecer outras leituras desse universo, outras leituras sobre a Casa, sobre Rui Barbosa, sobre o período em que ele viveu. Isso foi uma coisa muito enriquecedora para mim, que trabalho há tanto tempo com isso, porque, como no sistema Windows, são janelas que se abrem: você abre uma janela, abre outra, descobre que agora está vendo uma outra coisa. Como o Eduardo Silva falou na sua palestra, você toma um objeto e percebe quantos aspectos e leituras aquele objeto contém.

Mais ou menos na mesma época do projeto Peça do Mês, um grupo de museólogos – Marco Paulo Alvim, Aldeli Memória, Jurena Porto –, querendo maiores subsídios sobre a Casa e a vida da família na Casa, começou a entrevistar familiares de Rui. Isso foi o embrião do Projeto Memória de Rui Barbosa, que hoje está sendo encampado pela Fundação como um projeto autônomo. Ele nasceu no museu e a partir dele e de uma série de entrevistas, primeiro com familiares, com ex-funcionários, com pes-soas que viveram na casa e davam informações não só sobre a vida da casa como também sobre os objetos, sobre o jardim, fomos enriquecendo a nossa visão. História oral. Ampliamos a visão original não só de cada objeto, da vida na casa, como do próprio Rui Barbosa, e isso foi essencial para que se pudesse aprofundar ainda mais a pesquisa e estar apto a subsidiar outras pesquisas.

Acredito que, hoje em dia, o Museu Casa de Rui Barbosa tenha uma boa parcela de seu acervo com um estudo mais aprofundado. Não podemos dizer que o acervo esteja totalmente estudado, porque isso é um trabalho que não acaba, uma vez que cada objeto tem uma série de leituras.

As publicações que a Jurema, chefe do Museu, mencionou – *Estudo do Acervo Museológico* – são frutos desse trabalho. Dona Regina Real dividiu o acervo em categorias que nós mantivemos durante esses últimos anos. Por exemplo, com relação aos objetos decorativos: que objetos compunham a Casa? como Rui os adquiriu? Por que os adquiriu? Onde os comprava? Qual o seu gosto pessoal? Rui ia a exposições? Ia a leilões? Há catálogos que comprovem? Íamos, então, pesquisar na biblioteca e encontramos catálogos de leilão. Assim íamos levantando a história não só do objeto, mas do envolvimento de Rui com aquela categoria de objetos. O mesmo podemos citar em relação à indumentária: como Rui se vestia? por que ele se vestia assim? Que tipo de roupa D. Maria Augusta comprava e onde? Como esses aspectos se inseriam na sociedade da época?

Foi essa idéia de aprofundar o estudo desse acervo dentro da sociedade, dentro da vida cotidiana. Que acabou motivando as publicações.

E, como já disse, o Projeto Memória de Rui dava subsídios para a gente conhecer o outro lado de Rui Barbosa. A Rejane falou aqui no lado formal dele, embora ela conheça tudo de Rui, a sua intimidade. Além do trabalho da Rejane, é essa memória que nos diz que tipo de avô ele era, como era com a esposa na intimidade – carinhoso, ciumento dos vestidos eventualmente mais decotados, etc.

A partir das entrevistas surgiram doações, como a de um relógio precioso doado pelo neto João Valentim. Na entrevista ao projeto Memória de Rui, ele contou como Rui lhe dera o relógio e, ao contar, ficou sensibilizado e resolveu doá-lo ao Museu, pois não tem herdeiros. Creio que esse é o papel que o museu tem de ter: não só o de aprofundar, dentro da sua área, a pesquisa, mas se abrir ou estar disponível para os pesquisadores

das outras áreas. A tabelinha que fazemos com a Rejane é mais constante, mas, como o Eduardo falou, também com a História, com as demais ciências.

Gostaria de mencionar dois fatos ligados à pesquisa: o primeiro se relaciona a uma escova de dentes de Rui Barbosa, que não conhecíamos direito, não sabíamos classificar. Procuramos então o Museu de Odontologia Salles Cunha para pedir ajuda, e, daí, surgiu um projeto conjunto que durou um ano, com uma exposição, aqui na Casa, sobre a história da Odontologia. Tudo a partir da escova de dentes de Rui. Organizaram-se visitas de escolares, houve aulas de higiene bucal e aplicação de fluor nas crianças. O Museu de Odontologia saiu procurando escovas de outros personagens históricos e, de um objeto, partiu-se para uma coisa maior. Desse projeto participaram duas estagiárias que já se formaram e estão aqui presentes, Iolanda Santos e Daniele.

Um outro exemplo é o da então estagiária Denise Diório, que também está aqui presente, e fez um trabalho maravilhoso de pesquisa profunda sobre o Código Civil. Essa foi uma grande junção da pesquisa do museólogo partindo do objeto museológico e o estudo da biografia de Rui. Esse trabalho gerou a recriação – infelizmente por um tempo pré-determinado, por questões de segurança – do ambiente de trabalho em que Rui Barbosa fez as revisões do Código Civil, com os livros e objetos que ele utilizou. Foi o trabalho de uma museóloga, não o de uma advogada, embora a Denise até tenha formação em Direito. Mas não foi uma pesquisa da área de Direito, foi a visão de uma museóloga, que partiu para a pesquisa do trabalho de Rui nas áreas de Direito e Filologia.

O segundo fato relacionado à pesquisa diz respeito exatamente à mão-de-obra. Em 1998, a Fundação Casa de Rui Barbosa, que é vinculada ao Ministério da Cultura, passou a integrar o Plano de Carreiras da Área de Ciência e Tecnologia. Por uma série de questões históricas, a Fundação já tinha um quadro de pesquisadores e pagava gratificação de acordo com a titulação desses pesquisadores. Passamos para essa área, que tinha configuração diferente da original, e todos os museólogos foram então enquadrados como tecnologistas, ficando na área técnica da Instituição. O Centro de

Pesquisas já existente manteve-se inalterado. Creio que isso foi corretamente feito, mas tenho um questionamento: até onde o museólogo não pode ser também considerado pesquisador, isto é, assumir o papel de um pesquisador, aprofundando seus estudos e direcionando-se para esse trabalho essencial, que é o de fundamentar o objeto? Assim como fornecemos o fundamento para que os pesquisadores de outras áreas trabalhem, por que nós também não passarmos a aprofundar as nossas pesquisas, abrindo esse campo também para os museólogos?

Sei que os estudos de Museologia estão numa fase de bastante discussão e, pessoalmente, tenho me colocado junto ao COREM com relação à abertura de mercado de trabalho. Já fiz cartas pessoais com relação a isso, e acho que essa é mais uma vertente na qual a gente poderia apostar. Não acho que qualquer museólogo vá ser pesquisador, não é isso, mas acho que há espaço também para o museólogo se fundamentar, estudar, se formar.

É um campo que se abre e estou falando nisso aqui porque o público em sua maior parte é composto de museólogos, e há muitos estudantes e recém-formados. Não me sentiria bem se não abordasse esse assunto.

Estou numa casa de Cultura, de Ciência e Tecnologia, e acho que devemos começar a pensar nisso também. O museólogo tem de se aprofundar para fazer também um trabalho mais completo, publicar livros, obras mais profundas abordando a Museologia não só nos seus aspectos filosóficos e teóricos. Aqui na Casa de Rui todos somos museólogos de colocar a mão na massa, não temos museólogo que fica filosofando, e eu nem tenho um linguajar a que vocês devem estar acostumados, mas acredito que, além de estudar filosoficamente a Museologia, temos de aprofundar a pesquisa museológica, a pesquisa sobre os objetos. Isso, além da nossa função essencial, que acho que o Museu Casa de Rui vem cumprindo, de prover os elementos para os pesquisadores das demais áreas.